

Olha-me nos olhos, amor Quixote de Honra 2025



© Thierry Laporte

Jeanne Desoubreaux é uma estrela em ascensão no teatro europeu: no ano que vem dirigirá o *Orlando* de Händel no Théâtre du Châtelet, em Paris. Servindo-se da sua sólida formação musical, teatral e literária, em *Onde vou à noite* — amanhã no Palco Grande, a encerrar esta edição do Festival — a jovem encenadora traz a célebre ópera de Christoph Gluck, composta em 1762, para os dias de hoje. Duas intérpretes interpretam o mito trágico de Orfeu e Eurídice, acompanhadas por um dueto de músicos que alternam entre o órgão e o piano, passando pelo violoncelo, o contrabaixo e o ukulélé, nunca renunciando por completo ao canto lírico.

Orfeu é um poeta e um músico. Eurídice, sua mulher, é uma ninfa, que morre no dia do seu casamento mordida por uma cobra. Orfeu consegue que os deuses lhe permitam resgatá-la dos infernos, mediante duas condições: que consiga seduzir os monstros guardiães a deixá-lo passar as portas do Hades e, sobretudo, que nunca chegue a olhar a sua amada nos olhos, nem revele o acordo estabelecido com as divindades. Mas Orfeu não resiste a olhar a sua amada, e ela morre uma segunda vez.

Para a representação de *Onde vou à noite* a jovem encenadora francesa Jeanne Desoubreaux imaginou que o público fosse recebido por um concerto *pop*, típico

nos copo-de-água dos casamentos tradicionais, com um repertório delíco: festeja-se o amor, celebra-se uma boda. Ao longo da sua carreira, a encenadora já se cruzara diversas vezes com a ópera de Gluck, escutando-a, dançando-a, assistindo à sua encenação, e tendo dela inclusive montado alguns excertos.

Neste espectáculo, o casal amoroso original é interpretado por duas mulheres — o que, de resto, se relaciona com a própria história da composição, uma vez que em 1859 Hector Berlioz compusera uma versão *mezzo-soprano* para o papel de Orfeu. A cantora Pauline Viardot interpretara então o papel, vestida de homem, e a tradição operática passou a assumir essa fórmula. Mas Desoubreaux tem uma opinião diferente: “Se são duas mulheres que cantam, então por que não assumir que são duas mulheres que se amam? Porquê travestir uma delas? Será que Orfeu pode ser também uma mulher? Acho que sim. Em todo o repertório de ópera, não conheço qualquer representação de um casal homossexual. No entanto, trata-se de um universo no qual as mulheres representam constantemente papéis de homens, e o contrário. Gostaria que, neste espectáculo, praticamente nem se desse pela presença da homossexualidade do nosso casal. E que ela pura e simplesmente existisse”.

No dia 18, à entrada para a última sessão, convidamos o público a votar no Espectáculo de Honra 2025. Esta tradição foi iniciada em 1988, quando os espectadores da quinta edição do Festival elegeram a peça *Toreros, majas y otras zarandajas* (pelo Teatro Margen, de Oviedo) para regressar no ano seguinte. A eleição de um vencedor entre pares remonta à matriz dos festivais da Grécia Antiga — e neste ano, em que se comemoram os cinquenta anos do 25 de Abril, esta votação ganha um travo especial.

Os dezasseis espectáculos can-

didatos ao prémio do público são (por ordem cronológica de apresentação): *Terminal (O Estado do Mundo)*; *Além da dor, Fonte da Raiva*; *1001 noites — Irmã Palestina*; *La tempesta*; *Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo*; *Et maintenant, Miss Knife est en couple*; *Sans Tambour*; *Black Lights*; *Remédio*; *Full Moon*; *Crisi di nervi, tre atti unici di Anton Chechov*; *Entrelinhas*; *Manuela Rey Is In Da House* e *LIFE Event No. 3*.

No final de *Où je vais la nuit* será anunciada a peça que regressa para o ano — e que receberá um Quixote de Honra.

Ilda David nos Capuchos



© Rui Carlos Mateus

Ilda David, a autora do cartaz desta edição do Festival, tem patente até 14 de Novembro, no Convento dos Capuchos, a exposição intitulada *Quando soubermos ouvir as árvores*.

Ilda David nasceu em Benavente e vive em Lisboa. Tem desenvolvido a sua obra plástica em redor da escrita de distintos escritores, como Goethe, Mário Cesariny, Maria Gabriela Llansol, Maria Velho da Costa, Armando Silva Carvalho, Manuel António Pina ou José Alberto Oliveira.

Nesta exposição, a Pintora convida-nos a mergulhar num universo de metamorfoses e mitos, onde as fronteiras entre o humano e o natural se desfazem. As suas

pinturas ecoam as palavras de Hermann Hesse, como rumores de uma verdade colectiva. Conduz-nos por caminhos de transfigurações, transformando pessoas em elementos da natureza, como árvores ou flores. As águas que antecedem essas metamorfoses são como portais para um mundo fluido, onde cada perda é apenas uma transição, uma mudança de forma. Inspirada em Maria Gabriela Llansol, Ilda David tece falcões, viagens improváveis no tempo, entre passado e presente.

A exposição está patente na Galeria do Convento dos Capuchos, na Caparica, até 14 de Setembro, de terça a sábado, das 10h, às 13h; e das 14h às 18h.

Manuela Rey (1842-1866), a mulher lírio

Foi Ruy Filho, moderador do colóquio na Esplanada de ontem, quem deu o mote para uma conversa com o encenador Fran Nuñez sobre a obra *Manuela Rey Is In Da House*.

No pontapé de saída, Ruy Filho, destacando a inovadora abordagem desta peça, falava como o espetáculo se revelava uma criação híbrida que intencionava recuperar a memória da atriz Manuela Rey, tecendo um enredo que oscila entre a realidade conhecida e a imaginação, esta última com a função de preencher os espaços vazios.

Mergulhando na discussão, Fran Nuñez falou sobre a génese deste projeto, que descrevia como uma dívida cultural a Manuela Rey. Esta obra, que afirmou fazer parte da "recuperação da memória do ofício", presta um tributo à artista, perante quem havia um dever de procurar saber mais, revelando, porém, que "há muito por descobrir".

Confrontado com os desafios enfrentados na pesquisa documental, Nuñez evidenciou como se deparou com a dificuldade inicial de uma verdadeira escassez de registos, afirmando mesmo que só a partir do segundo ano de pesquisa começaram a surgir documentos relevantes, fruto da exponencial digitalização que se verificou junto das instituições. Através do acesso a jornais da época, que documentavam material relacionado com Manuela Rey, era agora possível materializar a sua obra e "puxar o fio" que levava à descoberta do seu espólio.

Indagado sobre as escolhas estéticas tomadas, nomeadamente sobre o destaque dado aos cavalos e às flores, Nuñez sublinhava a influência emocional da figura de Manuela Rey que, segundo ele, "cria uma reação emotiva". Descrevia que tinha sido fundamental para a construção desta obra estar na casa onde Manuela havia nascido, conhecer o seu neto e descobrir os sítios por onde a atriz havia estado, como a Romaria de São Lucas — principal romaria cavalar da Galiza — e o Jardim da Estrela — onde esta terá feito o seu



© Patrícia Povão

último passeio e onde se encontra uma estátua de uma mulher, sem nome, que segura um ramo de lírios à qual Nuñez atribui a identidade a Manuela Rey.

A conversa passou também pelas questões políticas e sociais abordadas na peça. Mencionou-se com espanto a luta de Manuela Rey pela igualdade salarial. Sobre isto, explicava Nuñez que, mais do que documentado na biografia de Manuela Rey, tinham surgido outros documentos que confirmavam o seu papel ativo na reivindicação dos direitos dos artistas, revelando a consciência social avançada desta mulher que se colocava à frente da sua época.

Também no plano social, explicava o encenador que se vivia um período de muita emigração. Foi também nesta altura que Manuela deixou a Galiza e veio para Lisboa, como tantos outros, numa tentativa de escapar à realidade de pobreza de onde provinha. Porém, afirmava Nuñez que, numa perspetiva galega, "Manuela era certamente representativa do país", tendo também ela trilhado esta jornada, onde — contrariamente a tantos outros — encontrou sucesso em terras lusas, causando impacto nas pequenas comunidades por onde passava.

No fim do colóquio, Fran Nuñez refletiu sobre um sentido de dever de resgatar a história desta artista e de tantas outras esquecidas pelo tempo, apelando também aos presentes que pesquisassem sobre

Manuela Rey, seja na internet ou nas gavetas de casa, quase que em jeito de súplica pela preservação da memória que deve ser uma escolha coletiva, afirmando que "sem memória não há história", sendo certo que, tal como reiterava Ruy Filho, "o movimento coletivo de construção de memória é um verdadeiro gesto teatral".

Rute Costa

Público do Festival solidário com os AU

No seguimento do processo de despejo dos Artistas Unidos do Teatro da Politécnica, um grupo de espectadores do Festival pôs a circular um abaixo-assinado a exigir que esse problema fosse abordado na Assembleia Municipal de Lisboa. Foi já atingido o número de assinaturas necessário para que tal aconteça, mas o abaixo-assinado continua a decorrer, até amanhã à noite, passando a ficar disponível *on-line* (peticaopublica.com).

A petição pode ser assinada no TMJB e na banca da Escola D. António da Costa, de forma a atingir o número necessário (8.000) para que este despejo de uma companhia de teatro seja discutido na AR.

DEIXA DO DIA

"Chamo-me Coragem, sargento, porque tive medo de ficar arruinada e atravessei o fogo da artilharia em Riga, com cinquenta pães na carroça. Já estavam cheios de bolor, e por isso não havia tempo a perder, não tinha outro remédio".

Fala de Mãe Coragem, em *Mãe Coragem e seus filhos*, de Bertolt Brecht.

AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio
António Pires
Escola D. António da Costa

19:00 | Teatro
Mãe Coragem
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 | Música
RioLisboa cantam Revolução
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro
Où je vais la nuit
Escola D. António da Costa

23:30 | Música
RioLisboa cantam Revolução
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Risotto de cogumelos e frango
Sardinhas fritas com salada de favas
Borscht

AMANHÃ
Empadão de carne
Choco guisado com puré
Feijoada de legumes